

## **A imagem impetuosa: a exposição *Caravaggio e seus seguidores* no Brasil**

Elaine Amorim Pereira Ladeira

*Resenha da exposição Caravaggio e seus seguidores – Confirmações e problemas.  
Casa Fiat de Cultura, Belo Horizonte, 22 de Maio a 15 de Julho de 2012.*

Às imagens podemos atribuir diferentes significados dependendo de como elas se apresentam em uma obra. Elas podem representar e funcionar como símbolos, transportando o observador para outra dimensão, outra realidade. São representantes de um ato criativo que tem como intenção ocupar-se de toda a carga relacionada à figura representada.

Nas pinturas sacras expostas na mostra *Caravaggio e seus seguidores*<sup>1</sup>, as imagens representam uma experiência sensível e são uma ligação entre o físico e o espiritual, comunicando um discurso. Nelas encontramos a retratação de corpos, os contrastes, os jogos com as sombras, necessários para indicar a exaltação psicológica dos personagens, fundamentais para este período.

Ao entrar na galeria, o observador depara-se com um grande espaço dividido em três compartimentos. No primeiro, estão as obras de Caravaggio, e, no seguinte, as de seus seguidores. O terceiro espaço, ao contrário dos outros, recebe muita luz. Neste estão duas versões da obra *São Francisco em meditação*. Os textos referentes às imagens expostas indicam ao público que uma obra pertence a Caravaggio e a outra não, tratando-se de uma cópia.

As duas primeiras salas recebem pouca iluminação. A luz parte de *spots* colocados no teto da galeria, e estão direcionados para as telas dos pintores. O ponto que a luz dos *spots* atinge é o mesmo lugar em que Caravaggio e os outros artistas escolhem como área iluminada da pintura dentro de um amplo espaço em escuridão. A escolha deste tipo de iluminação enfatiza a utilização da técnica do claro e escuro feita pelos pintores.

A primeira obra a ser vista é *São Jerônimo que escreve*, de Caravaggio. São Jerônimo é pintado em tamanho quase proporcional ao de quem o observa. A imagem em um primeiro momento provoca certo distanciamento. Porém, ao observar as características físicas do santo, sua expressão facial e corporal, o observador percebe nele características que o humanizam, tornando-se próximo. O gesto é simbólico e passa a conter a emoção própria do homem de seu contexto histórico. Caravaggio aproxima temporalidades distintas: uma imutável, que pertence à obra e não se altera, e outra do momento vivido, da experiência ante o deslumbre da obra.

Ao aproximar-se desta pintura, observa-se que o artista trabalha com efeitos de sombra criando uma sensação de profundidade. Percebe-se esta escuridão como um espaço que excede a fisicalidade. Caravaggio, ao preencher seus quadros com a escuridão, aponta para o infinito. Para além da percepção primeira, o olhar se encaminha e transcende o espaço da representação. Nesta escuridão ocorre um mergulho na imagem que pode velar ou desvelar diferentes possibilidades.

As representações dos santos *São Jerônimo* e *São Francisco* avançam e retrocedem nas pinturas produzindo a ideia de movimento. O efeito dramático da expressão gerada na obra por seu pintor é ampliado pela luz produzida no quadro. A forma como as obras são iluminadas, os pontos de claro e escuro provocam o observador. O fundo escuro indefinido ressalta os personagens escolhidos para as composições. Na obra *São Jerônimo que escreve* e *São Francisco em meditação* os elementos que compõem as obras ganham novos sentidos e tornam-se fundamentais para o entendimento destas.

Uma atenção especial deve ser dada à face dos representados. Traços marcados produzem rugas e acentuam a expressividade. As linhas que compõem os olhos, sobrancelhas e boca das figuras representadas ganham força e significado. A textura tanto da pele quanto da face e das mãos passa a impressão de sujeira e pobreza. As linhas que compõem o rosto destas figuras indicam o propósito penoso e ao mesmo revelam o valor do ato penitente.

Nessas pinturas, os gestos são a prefiguração da expressão que nascerá a partir da construção dos personagens. O movimento é o tema e a função da existência do corpo. O volume das pinturas e a espacialidade nelas proposta dependem dos gestos. Anterior à existência dos representados, ocorre a formação dos gestos e de sua intenção.

Caminhando por entre as obras dos seguidores de Caravaggio, o olhar destaca Artemísia Gentileschi. Na obra *Madalena desmaiada* atribuída à artista, existe uma provocação desconcertante. Esta obra demonstra claramente o caráter dual das imagens do século XVII europeu – de um lado a invocação da espiritualidade, de outro, a pujança em experimentar o humano e o terreno. A imagem revela-se dilemática e contraditória. Vê-se em Artemísia Gentileschi a conquista pelo olhar através da exuberância de seus traços. Nesta artista vemos um grande apuro na constituição dos tecidos empregados nas obras. São formas que assumem um comportamento denso com uma dinâmica complexa em si, havendo o contraponto entre áreas de claro e escuro.

Nas obras *Coroação de espinhos* de Leonello Spada e *Cristo humilhado* ou *Homem das dores*, de Giovanni Baglione, existe uma dualidade entre áreas de formas simples e outras mais próximas da vibração propostas para a arte do século XVII. Nesta reunião está bem estabelecida a relação entre opulência e singeleza, onde o sagrado está figurado em algo grandioso e, ao mesmo tempo, relacionado à resignação e sujeição.

Na pintura de Bartolomeu Cavarozzi, *Virgem com menino*, a imagem da Santa representada possui um olhar expressivo. Pensando no contexto do século XVII, ao posicionar-se à sua frente, o observador impressiona-se com a ideia de que a Virgem olha em sua direção. Isto causa grande impacto e tem forte poder persuasivo. E nesta ideia de persuadir o fiel, o artista joga com fatores contraditórios relacionando real e imaginário, simplicidade e sofisticação, grandiosidade e humildade. A obra mostra em seu espírito umas das principais marcas da arte sacra do século XVII, isso é, a ambiguidade.

Os elementos das vestes que compõem a pintura *Virgem com menino*, fortemente marcados, mostram-se opostos à expressão leve da face cuja aparência, de certa delicadeza, não pode ser confundida com inexpressividade por estar relacionada a um momento mais contemplativo.

Na arte sacra europeia do século XVII, os artistas deveriam transformar suas obras em imagens detentoras de uma força transformadora capaz de instruir fiéis e incrédulos. A força deste novo modelo da arte deveria ser impactante o suficiente para preservar a lealdade dos cristãos à Igreja da Contrarreforma. Neste contraponto entre o complexo e o exato pode-se compreender os estados de movimento e complacência, de dignificação e glorificação por atos, que não são frutos da vontade, mas emanação, fluência pelo interior da imagem.

Caravaggio, de certo modo, revolucionou seu tempo. Com a exposição *Caravaggio e seus seguidores*, ocorre uma nova revolução, não no âmbito da arte brasileira de modo direto, mas do público que passa a conhecer um artista de importância global irrefutável. A esse público cabe aproveitar os frutos da experiência vivida e talvez Caravaggio seja um dos caminhos em direção à arte internacional.

## Referências

ARGAN, Giulio Carlo. *Imagem e persuasão: ensaios sobre o barroco*. Organização de Bruno Contardi. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

\_\_\_\_\_. *História da Arte italiana (De Michelangelo ao futurismo)*. São Paulo, Cosac & Naify, 2003, vol. III

SCHAMA, Simon. *O poder da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

WÖLFFLIN, Heinrich. *Conceitos fundamentais da história da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1984

\_\_\_\_\_. *Renascença e barroco*. São Paulo: Perspectiva, 1989

---

<sup>1</sup> A exposição conta com pinturas de Artemisia Gentileschi (1593-1653), Bartolomeo Cavarozzi (1587-1625), Giovanni Baglione (c.1566-1643), Giovanni Battista Caracciolo (1578-1635), Hendrick van Somer (1615-1684 / 85), Jusepe di Ribera (1591-1652), Leonello Spada (1576-1622), Mattia Preti (1613-1699), Orazio Borgianni (1574-1616), Orazio Gentileschi (1563-1639), Orazio Riminaldi (1593-1630), Simon Vouet (1590-1649), Tommaso Salini (1575-1625) e Valentin de Boulogne (1591-1632).